



POETAS NEGRAS RESISTEM: INTERSECCIONALIDADE E REEXISTÊNCIAS NO POETRY SLAM

Amanda Julieta Souza de Jesus¹

Florentina da Silva Souza²

INTRODUÇÃO

A experiência das mulheres negras na literatura brasileira tem sido marcada, ao longo da história, por tentativas de silenciamento relacionadas, principalmente, à sua condição racial gendrada. As discussões trazidas aqui são impulsionadas por pesquisa de mestrado em andamento, que, discutindo sobre a problemática do androcentrismo e racismo na produção literária, destacando-a como um dos problemas que afeta o projeto da igualdade de gênero, tem como objetivo analisar a atuação das mulheres negras no *poetry slam*, com o intuito de contribuir na visibilidade e difusão do conhecimento sobre a produção poética destas mulheres e sobre os *slams* como espaço marginal de subversão racial e de gênero. Estudos - e, mais especificamente, o feminismo negro - apontam os tensionamentos na relação de gênero discutindo sobre a desigualdade no interior da categoria mulher, referindo-se, assim, à múltipla opressão vivida pelas mulheres negras. Além disso, aponta-se que a invisibilidade das mulheres na literatura é ainda mais expressiva quando se intersecciona o gênero com a questão étnico-racial e outros marcadores sociais.

Nesse sentido, a arte literária é lugar/território de insubmissão de gênero, resistência e reexistência, no qual se insere o *poetry slam*, movimento cultural que nasceu em um bairro da classe trabalhadora de Chicago e chegou ao Brasil nos anos 2000, através da poeta Roberta Estrela D'Alva. Trata-se de uma batalha de poesias, uma competição lúdica entre poetas que se relaciona com a cultura hip-hop, na qual a literatura é produzida e difundida a partir do corpo. Destaca-se pela promoção da visibilidade dos sujeitos subalternizados e pela forma

¹ Mestranda do Programa de Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA); graduada em Comunicação Social; integrante do Grupo de Pesquisa Etnicidades; bolsista FAPESB. amandajulietas@gmail.com.

² Professora orientadora: Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); professora Titular de Literatura Brasileira da Universidade Federal da Bahia; professora no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura do ILUFBA e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos (CEAO-UFBA). floraufba@yahoo.com.br.



descentralizadora de produção de conhecimento, com um júri popular dando característica ao saber dos sujeitos, bem como pelo formato público do evento, priorizando a inclusão.

Com seu fazer poético de estética e formato contra-hegemônico, o *poetry slam* se insere como canal de democratização de literatura, bem como de enfrentamento ao racismo, ao sexismo e a outras estruturas de opressão a partir das vozes de mulheres negras.

METODOLOGIA

Como método, este estudo caminha pela via da revisão bibliográfica, documental e com observação de campo. Assim, utilizo-me de vídeos de batalhas de poesia disponíveis na internet (Youtube, Facebook e Instagram), além da realização de visitas ao Slam das Minas em Salvador, com o intuito de registrar as apresentações das poetisas negras. Além da análise crítica de fontes bibliográficas, está sendo realizada a análise de poemas selecionados e, por se tratar de literatura oral, também é considerada a performance.

A pesquisa parte de uma abordagem teórico-metodológica negro-feminista a partir do ponto de vista, pensando nessas sujeitas pela ótica da interseccionalidade e na vivência das categorias de opressão no meu próprio corpo, enquanto mulher negra e periférica, tornando-me uma pesquisadora imbricada na pesquisa.

As discussões se articulam com o feminismo negro e o conceito da Interseccionalidade, fundamentada em Kimberlé Crenshaw, Patricia Hill Collins e bell hooks, para pensar a experiência e o ponto de vista, destacando as vivências das mulheres negras no Brasil e, ao mesmo tempo, contribuindo na visibilidade das literaturas excluídas pelo racismo e androcentrismo. Nesse sentido, dialogo com Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Carla Akotirene e, especificamente na área da literatura, Conceição Evaristo, Miriam Alves e Florentina Souza, que contribuem com pesquisas sobre a literatura negra de autoria feminina. Para pensar performance negra, o corpo grafado, o corpo lugar da memória e o corpo como território, sobretudo do saber, fundamento-me em Conceição Evaristo e Leda Maria Martins.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Autoras como Conceição Evaristo, Florentina Souza e Miriam Alves evidenciam as múltiplas barreiras enfrentadas pelas mulheres negras para exercerem o papel de autoras na literatura brasileira. Para além do gênero, as dificuldades parecem também estar ligadas à raça³, o que denota diferenciações dentro da categoria mulher. Assim, utilizando-se de um

³ Utilização do termo “raça” não como fator biológico, mas como construção social.

pensamento interseccional, Souza (2017, p. 22) aponta que a escrita das mulheres negras foi ignorada pela crítica e vista como um texto desprovido de valor literário durante muito tempo no Brasil, parecendo estarem tanto textos quanto autoras duplamente fora de lugar.

A poeta e ensaísta Miriam Alves (2010, p. 41) enfatiza os impedimentos para a circulação de atividades artísticas e produções literárias negras. A autora traz para a discussão a produção afro-brasileira desde o período colonial, conduzindo-nos a refletir sobre a questão de gênero e raça nesta problemática, em vista de que o silenciamento das autoras negras na literatura nacional é uma realidade que reflete a condição de múltipla exclusão destas mulheres na sociedade, atingidas historicamente pelo que Kimberlé Crenshaw (2012, p. 177), ao definir o conceito de interseccionalidade, chamou de cruzamento e sobreposição de diferentes opressões, como o patriarcalismo, o racismo e a opressão de classe. Sobre isto, importante é a contribuição da pesquisadora Carla Akotirene, segundo a qual

A interseccionalidade visa dar instrumentabilidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado - produtores de avenidas identitárias onde mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (2018, p. 14).

O pensamento interseccional nos leva à compreensão de que a experiência das mulheres negras na literatura não se iguala a das mulheres brancas, se pensarmos em gênero, ou a dos homens negros, se pensarmos exclusivamente no marcador racial. No entanto, diante das dificuldades de inserção no mercado editorial, as escritoras negras têm desenvolvido e renovado as estratégias para sua produção e circulação literária. Com uma poesia oral marcada por elementos contra-hegemônicos e também afro-diaspóricos, jovens poetas negras têm ocupado o poetry slam por todo o país e feito dele um espaço de subversão racial e de gênero. Sobre o corpo-experiência, que marca tanto a ficção quanto a poesia de autoria negro-feminina, importantes são as contribuições de Evaristo (2005, p. 205), que afirma que, através da escrita das mulheres negras, surge a fala de um corpo que é vivido, não apenas descrito: “A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra” (EVARISTO, 2005, p. 205).

Assim, as batalhas de poesia são um espaço onde jovens poetas negras têm ousado se tornar autoras, apropriando-se do discurso, que historicamente lhes foi negado, e se colocando contra o discurso hegemônico para falar de si e por si mesmas, a partir de sua experiência de mulher negra na sociedade brasileira. Embora não possamos tratar aqui de resultados de pesquisa, por esta ainda estar em andamento, o trabalho de análise de poesias feito até o

momento tem mostrado que as poetisas negras que participam do poetry slam têm consciência da sua condição de mulher e negra, além da situação de classe, refletindo estas questões em suas produções.

O poema “A menina que nasceu sem cor”, da poeta/slammer paulista Midria (2018), parte de uma aparente brincadeira para realizar uma crítica social. Ao iniciar com versos sobre um problema relacionado a questões astrológicas para, em seguida, falar sobre questões étnico-raciais, Midria joga com dois aspectos relacionados à sua subjetividade, chamando atenção para as políticas de embranquecimento que, como um signo do zodíaco, são tratadas de forma banal na sociedade brasileira. A partir da reflexão sobre a cor de sua pele, a poeta ataca o que chama de “milagre da miscigenação”, com referência ao quadro “A Redenção de Cam”, do artista espanhol Modesto Brocos, e lembra que a celebrada mistura de raças no Brasil teve início, na verdade, com o estupro de mulheres negras escravizadas:

Eu tenho um problema
Meu ascendente é em Áries
E eu tenho outro problema
É que eu sou a menina que nasceu sem cor
Pra alguns, eu sou... preta
Pra outros, eu sou preta
Pra muitos e muitos, eu sou parda
Ainda que eu sempre tenha ouvido dizer por aí
Que parda é cor de papel
E a minha consciência racial quando me chamem de parda
Fique tão bamba quanto autodeclaração
De artista pop como Anitta
Quando pratica apropriação cultural.

Eu sou a menina que nasceu sem cor
Porque eu nasci em um país sem memória, com amnésia
Que apaga da história todos os seus símbolos de resistência negra
Que embranquece a sua população e trajetória a cada brecha
Que faz da Redenção de Cam a sua obra-prima
Monalisa de miscigenação
E oh, ode ao milagre da miscigenação
Calcado no estupro das minhas ancestrais
Na posse de corpos que nasceram para serem livres
Na violação de ventres que nunca deveriam ter deixado de serem nossos.
(MIDRIA, 2018)⁴

O poema revela a produção de um pensamento feminista negro, que, de acordo com Patricia Hill Collins (2016, p. 101), “consiste em ideias produzidas por mulheres negras que elucidam um ponto de vista de e para mulheres negras”. Tendo-a como exemplo, refletimos sobre a poesia apresentada pelas mulheres negras no poetry slam, que nos traz um ponto de

⁴ Transcrição nossa.

vista diferente à literatura brasileira ao interpretar a complexidade da sociedade e também da própria subjetividade das mulheres negras a partir de um corpo e de uma vivência marcados ao mesmo tempo por raça, gênero e classe. Para Collins (2016), as mulheres negras ocupam um lugar que lhes permite analisar melhor as diferentes estruturas sociais e a posição de marginalidade pode, na verdade, ser um estímulo à criatividade.

Assim, um dos caminhos para os quais aponta esta pesquisa é no que diz respeito à construção e exercício de uma subjetividade radical das mulheres negras através da poesia, seja pelo fato de se colocarem em um espaço auto-construído e, através do corpo, tomarem para si a palavra, seja pela temática de seus poemas, que trazem versos que denunciam a violência de gênero, o racismo, a opressão de classe, dentre outros temas. De acordo com bell hooks (2019, p. 125), “a única maneira de as mulheres negras construírem uma subjetividade radical é resistindo ao conjunto de normas e desafiando às políticas de dominação baseadas em raça, classe e sexo”. Desta forma, podemos pensar no poetry slam como um espaço subversivo do fazer poético, onde as mulheres negras, através da rua, do corpo e da palavra, performam formas de resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se, por um lado, as mulheres negras têm sido invisibilizadas na literatura brasileira ao longo da história, indicando a existência de racismo e sexismo nesse setor, por outro, são variadas as formas criadas por elas para resistir a essas tentativas de apagamento. Tendo em conta a importância de discutir temáticas relacionadas à intersecção de gênero e raça na literatura e na cultura e levando em consideração que, de acordo com Dalcastagnè (2011), a literatura é um espaço de representação onde se entrecrocaram interesses e perspectivas sociais e onde há problemas ligados ao acesso à voz por grupos marginalizados, espera-se que as discussões realizadas neste estudo contribuam para a legitimação do discurso das mulheres negras na produção de literatura periférica - atuando o conhecimento científico, desta forma, em prol de avanços para estas mulheres no que diz respeito às relações de gênero e raça na produção literária.

No poetry slam, às margens do cânone e do mercado editorial, através do corpo e da voz, as mulheres negras criam e se fazem escutar. As batalhas de poesia são, portanto, um espaço onde jovens poetas negras têm ousado se tornar autoras, a partir de sua experiência de mulher negra na sociedade brasileira. Com a poesia feita nas ruas, elas têm tensionado o fazer poético em um jogo discursivo e estético que se dá com e, ao mesmo tempo, contra a

literatura brasileira. Uma poesia que, em busca da auto-representação das mulheres negras, desafia e rasura imagens estereotipadas. É a poesia que se vive com o próprio corpo, que exige não só outras representações das mulheres negras, mas também a tomada do lugar de escrita.

Palavras-chave: poetry slam; literatura negra feminina; experiência; interseccionalidade.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.
- ALVES, Miriam. **Brasilafro autorrevelado:** literatura brasileira contemporânea. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas** 1, p. 171-189, 2002. Disponível em: <<https://bit.ly/335NfcZ>>. Acesso em: 17 jun. 2019.
- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2yz9rOO>> Acesso em: 31 mai. 2019.
- D'ALVA, Roberta Estrela. **Teatro hip-hop: a performance poética do autor-MC.** São Paulo: Perspectiva, 2014.
- DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado.** Vinhedo: Horizonte, 2012.
- EVARISTO, Conceição. Da representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares: Cultura Afro-brasileira.** Ano I – número 1 – agosto 2005. ISSN 108 7280.
- hooks, bell. Mulheres negras revolucionária: nos transformando em sujeitas. **Olhares Negros: Raça e Representação.** São Paulo: Elefante, 2019.
- MIDRIA. **Eu sou a menina que nasceu sem cor...** 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=o6zEzP7pudQ&t=1s>>. Acesso em 30 abr. 2019.
- SOUZA, Florentina. Mulheres negras escritoras. **Revista Crioula**, nº 20 - 2º semestre/2017. p. 19-39.